

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA E DE INTÉRPRETES DE SURDOS EM ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE JOINVILLE/SC¹

Nathuly Cardoso de Mira², Fabíola Sucupira Ferreira Sell³

¹ Vinculado ao projeto “Libras e Ensino”.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática – UDESC/CCT – Bolsista Voluntária.

³ Orientadora, Departamento de Química – UDESC/CCT – fabiolafsell@gmail.com.

Dispõe-se, no presente resumo, as atividades de pesquisa vinculadas ao projeto de pesquisa “Libras e Ensino” coordenado pela Profa. Dra. Fabíola Sucupira Ferreira Sell, que busca investigar as demandas das escolas estaduais de Joinville em relação à educação matemática de surdos. O objetivo do trabalho é investigar a situação das escolas estaduais de Joinville/SC em relação a educação matemática de surdos através da compreensão de professores de matemática, intérpretes de Libras (ou 2º professor\a) e professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) que trabalham com estudantes surdos inseridos em escolas estaduais. Para tanto, foi realizado, de setembro de 2021 a maio de 2022, a produção e divulgação de formulários para que, assim, possa-se elaborar um diagnóstico a fim de investigar como acontece a educação matemática de surdos nas escolas estaduais de Joinville. Ainda, os formulários foram produzidos segundo as reflexões expostas em Zancanaro e Zancanaro (2016).

Foram desenvolvidos três formulários com perguntas dirigidas a professores de matemática, a intérpretes de Libras (ou 2º professor\a) e a professores do AEE sobre a formação desses profissionais bem como a inserção e permanência dos surdos nas escolas estaduais. Realizou-se a aplicação dessas perguntas em sete escolas estaduais de Joinville/SC com um total de cinco respostas, sendo duas respostas no formulário destinado aos professores de matemática, três no formulário destinado aos intérpretes (ou 2º professor\a) e nenhum ao formulário destinado aos professores atuantes nas salas de AEE. Com isso, tem-se a finalidade de entender, comparar e relacionar os resultados alcançados com aqueles encontrados na literatura da área, bem como sugerir mudanças na oferta da disciplina de matemática para surdos e ouvintes na Educação Básica.

Quanto aos resultados, no formulário destinado aos professores de matemática, estes eram maiores de 50 anos e já atuam na mesma instituição por mais de 20 anos. Ambos formados em matemática e pós-graduados. Trabalham há cerca de quatro anos com estudantes surdos e não são fluentes em Libras mas acham importante a sua fluência pois a principal (e única) dificuldade mencionada foi a comunicação com os estudantes surdos. Citam também a dificuldade em adaptar o conteúdo de matemática mas não dizem como ocorre a abordagem. Em ambas escolas de atuação dos docentes, os estudantes surdos têm intérpretes e em uma das escolas há uma sala de AEE. Os professores acreditam que é importante o contato e a presença com os intérpretes pois estes ajudam na comunicação e nas adaptações. Além disso, citam que há uma interação entre os estudantes surdos e ouvintes (mas não mencionam como ela ocorre) e, ainda, afirmam que a escola está preparada para assegurar a permanência dos estudantes surdos. Por fim, mencionam a necessidade em ampliar as grades curriculares dos cursos de graduação.

No formulário destinado aos intérpretes de Libras (ou 2º professor(a)), estes têm, em média, 30 anos e atuam há 10 anos na profissão. Dois são formados em Letras-Libras e possuem pedagogia como segunda formação e o terceiro é formado em pedagogia e tem Letras-Libras como segunda formação. Os três intérpretes estão na instituição há pelo menos três anos e são os únicos intérpretes da escola. Mencionam trocas de experiências com outros profissionais da área bem como colegas das escolas em que atuam, incluindo os professores de matemática. Quanto aos professores de matemática, em todos os casos, estes fazem o planejamento das aulas e depois passam ao intérprete para que as adaptações sejam feitas e, durante as aulas, a dinâmica ocorre com tentativas de comunicação e com o estudante surdo prestando atenção no quadro. Os intérpretes citam ainda a necessidade em propor recursos mais visuais, na parceria com alguns professores e na dificuldade que os estudantes surdos têm em não saber alguns sinais e na interpretação de problemas matemáticos. Os intérpretes ressaltam a importância da fluência em Libras e mencionam a falta de interação entre os estudantes surdos e ouvintes. Por fim, dois deles afirmam que a escola está pronta para assegurar a permanência dos estudantes surdos enquanto o terceiro acredita que nenhuma escola está preparada.

Os resultados mostraram que há uma necessidade em propor meios de comunicação entre os profissionais da escola bem como entre os estudantes surdos e ouvintes e entre os estudantes surdos e os professores. Torna-se preciso a ampliação do ensino de Libras entre os professores e estudantes e novas demandas educacionais nas aulas de matemática. A adaptação dos materiais com maiores possibilidades de recursos visuais (ou seja, com utilização de imagens, desenhos etc.) e com textos mais diretos evitando ambiguidades, assim como a necessidade em rever os sinais associados à matemática e possivelmente propor a criação de novos. Na medida em que se avança nas pesquisas e a partir dos resultados, pretende-se ampliar a aplicação dos formulários em mais escolas de Joinville/SC, incluindo sua exigência não apenas em escolas estaduais mas em municipais e particulares em que haja estudantes surdos matriculados, procurando propor adaptações nas aulas de matemática.

Palavras-chave: Formulários. Educação Matemática. Surdez.

Referências:

LACERDA, Cristina B. F. de. Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2013.

LACERDA, Cristina B. F. de (Org.) et al. **Tenho um aluno surdo, e agora?** - Introdução a Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

ZANCANARO, L. A.; LUI ZANCANARO, T. M. A educação de Surdos sob a perspectiva da inclusão: Reflexões sobre a adaptação de materiais didáticos. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 1, 2016, p. 1–11.